

REPRESENTAÇÕES E IMAGINÁRIO PENTECOSTAL*

*Nilceu Jacob Deitos***

A partir da linguagem e dos discursos empregados por grupos pentecostais é possível perceber as representações por eles utilizadas que vão dando sentido ao seu mundo religioso. São nas falas proferidas nos cultos que de maneira privilegiada o corpo de representações se evidencia com maior nitidez, fazendo com que ali o imaginário religioso seja abastecido e revigorado, o qual consegue dar conta deste corpo de representações constituído.

O emprego do termo "imaginário" é pluriforme. Várias são suas abordagens. Não vejo o "imaginário" como uma espécie de ornamento de uma vida material considerada como a única "real", esta mesma perspectiva caracteriza o pensamento de Baczko. Para ele o imaginário ocupa um papel fundamental na medida em que as ações são efetivamente

** Graduação em Filosofia na Faculdade de Ciências Humanas "Arnaldo Busato" de Toledo-PR (Unioeste-Facitol), concluída em 1987; Especialização "Lato Sensu" em Filosofia na Universidade Federal do Paraná, concluída em 1990; Ingresso no mestrado em 1994 sob a orientação do professor doutor Arthur César Isaías.

guiadas pelas representações que existem a partir deste imaginário. Tais representações modelam comportamentos, mobilizam energias e legitimam as violências.¹

Conforme Baczko, "todas as épocas têm as suas modalidades específicas de imaginar, reproduzir e renovar o 'imaginário', assim como possuem modalidades específicas de acreditar, sentir e pensar".² Numa rápida abordagem sobre os vários enfoques históricos feitos acerca do imaginário, Baczko ressalta a complexidade dos problemas que são colocados no estudo da imaginação social e se surpreende com o que - ele próprio - chama de ausência de uma teoria do imaginário.

Diante desta constatação é possível - neste estudo - fazer uso da contribuição teórica de Peter Berger, quando elabora os elementos para uma teoria sociológica da religião. Para ele o "nomos socialmente estabelecido é entendido como um escudo contra o terror".³ Ao estabelecer a relação entre indivíduo e sociedade, Berger observa que esta oferece ao indivíduo "os vários métodos para diferir o mundo de pesadelo da anomia

¹BRONISLAV, Baczko. Enciclopédia Einandi, tomo 5 - Anthropol - homem. Imprensa Nacional - Casa da Moeda, p. 298.

²Idem, p. 309.

³BERGER, Peter Ludwig. O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião, tr. J. C. Barcellos, S. Paulo: Ed. Paulinas, 1985, p. 35.

e conservar-se dentro dos limites seguros do nomos estabelecido".⁴ Não se trata da pura reprodução da tese durkheiminiana, que ressalta a supremacia do social sobre o individual. É importante reportar-se a idéia de interiorização de Berger - que caracteriza o terceiro momento da dialética por ele concebido. E neste processo "o indivíduo não é modelado como coisa inerte, ao contrário, é formado no curso de uma prolongada conversação, em que ele é participante".⁵ E é na participação do indivíduo que o imaginário se manifesta e passa a exercer um certo controle da vida coletiva. Se para Berger é a cultura que dá diretriz ao caos, o imaginário não se expressa em outro local senão na cultura. E tem o seu papel destacado no exercício do poder e da autoridade. Neste sentido, como afirma Mauss,

"através do imaginário, uma coletividade designa a sua identidade, elabora uma certa representação de si, estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais, exprime e impõe crenças comuns, constrói uma espécie de código de 'bom-comportamento'",⁶

e isso se aproxima muito ao estilo pentecostal.

Assim como nos cultos, é no momento da ação proselitista, nas ocasiões em que se trava um desafio de convencimento onde um fiel

⁴Idem, p. 37.

⁵Idem, p. 31.

⁶BRONISLAV, Baczko, Op. cit. p. 309.

procura angariar novos adeptos, que se lança mão de um discurso que manifesta de maneira "desvelada" toda uma gama de representações religiosas da qual o "crente" vai utilizar-se para convencer o outro de que sua religião oferece bens simbólicos que podem ser utilizados por ele.

Não é pretensão, através deste trabalho, fazer uma abordagem axiológica acerca das manifestações religiosas, e de maneira particular acerca do pentecostalismo, tema que nomeei para a pesquisa e do qual me proponho considerar suas representações e imaginário. Juízos de valores podem ser mais apropriados a outras áreas do conhecimento. A pretensão é, antes de tudo, perceber como se constrói o imaginário pentecostal, e esta percepção exige um olhar para o passado - e um passado recente, porque recente é a expansão do pentecostalismo na região delimitada para a pesquisa. Não passa de três décadas o momento em que se registra o crescimento das religiões pentecostais na região do Extremo Oeste do Paraná, mais especificamente em Cascavel.

Um pressuposto que norteia o trabalho é de que as representações pentecostais não saem do "nada", são construídas pelos homens, e são incorporadas por homens, que por sua vez, também não se pode atribuir a estes homens uma espécie de niilismo de representações. E aqui me

reporto a uma questão central. A substituição ou a alteração de um corpo de representações por outro não acontece de forma rítmica, mecânica e integral. Antes, é a troca de bens simbólicos que passam a mostrar um corpo de representações diferente do que até então se tinha. É isso que se registra no Oeste do Paraná, que a partir de sua colonização (1940) passou a caracterizar-se religiosamente como uma região católica e protestante na sua maior parte. E esta característica procurou ser mantida através de uma vigilante ação do clero católico. Seja através de quase uma centena de paróquias constituídas, das dezenas de seminários, das várias casas de formação de leigos, da criação de dioceses naquela área.⁷ Fato não oposto se registra também com a Igreja Protestante. Somando-se a isto as várias atividades pastorais, como romarias e missões, que são trabalhos intensos de evangelização que acontecem esporadicamente e que têm o papel de reavivamento da fé.

Toda esta gama de iniciativas não garantiu a hegemonia das igrejas históricas e, conseqüentemente, não conseguiu manter o corpo de representações, fazendo com que muitos fiéis o substituísse por outras

⁷Na região Oeste do Paraná existem 3 dioceses que, juntas, não abrangem mais do que 40 municípios. - A distância entre as cúrias das dioceses de Cascavel e Toledo é de apenas 40 quilômetros.

representações, dando espaço para a proliferação pentecostal naquela região. Portanto, o que interessa é investigar como naquela região, formada sob forte influência do catolicismo e protestantismo, acontece a penetração de seitas pentecostais, que geram novas representações, desconstruindo a hegemonia religiosa do catolicismo e protestantismo. E para isso parto das representações e discursos dos chamados "pentecostais".

Ao considerar as representações e os discursos pentecostais, é procedente o esforço em não conceber o papel pentecostal preso em determinadas categorias previamente estabelecidas, o que não permite um estudo a partir do acontecimento pentecostal. Neste quadro, reportando-me a Michelet, quando escreve a *Historie de la Revolution*, é possível afirmar que para compreender um grupo messiânico-religioso implica necessariamente abrir-se ao imaginário que ele produz, partilhar os mitos e as esperanças que dele brota, vivê-lo como um momento único, em que tudo se torna possível.⁸

Nesta abordagem os signos ocupam um papel relevante na medida em que estabelecem uma relação bastante íntima com as representações. A

⁸A citação de Michelet é a seguinte: "Fazer a revolução implica necessariamente abrir-se ao imaginário que ele produz, partilhar os mitos e as esperanças que delas brotam, vivê-la como um momento único em que tudo "se torna possível"". BRONISLAV, Baczko. Op. cit. p. 303.

construção de signos pentecostais existe e na medida em que eles são incorporados pelos fiéis, estes passam ao convencimento da ação de um ser superior em suas vidas que se revela a partir destes signos. Segundo Foucault, "o signo tem que ser distinguido a título de elemento e destacado da impressão global a que estava confusamente ligado".⁹ O conjunto dos signos contribui significativamente na construção da identidade pentecostal, influenciando diretamente na formação das representações pentecostais. A relação entre signo e representação é muito estreita. Conforme o filósofo acima citado, "a partir da idade clássica, o signo é a representatividade da representação enquanto ela é representável".¹⁰

Na prática pentecostal, carregada de signos, é que se registra um campo fértil para a construção e manifestação das representações. É nesta situação que o imaginário está presente e aflora como um sustentáculo às várias representações construídas no campo pentecostal. Nas representações pentecostais se registra o recôndito sempre possível da imaginação.¹¹

⁹FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas - uma arqueologia das ciências humanas*, tr. S.T. Muchajj, 6ª ed., São Paulo, Martins Fontes, 1992, p. 76.

¹⁰Idem, p. 80.

¹¹Idem, p. 84.

As representações pentecostais, dentro do campo geográfico em que optei delimitar, se apresentam como um movimento exclusivamente religioso, não propensas a práticas engajadas em movimentos sociais ou políticos. E mesmo nas falas de alguns de seus adeptos esta última perspectiva não é perseguida, ao contrário, sempre é reiterada a dimensão unicamente religiosa. É freqüente ouvir pentecostais afirmarem que, na condição de escolhidos, é missão fazer o que agrada a Deus, não se deixando dominar pela vontade do mundo, porque esta não seria a vontade de Deus.

Por outro lado, é um engano partir do pressuposto que o engajamento político e a ação pentecostal sejam dicotômicos. Já houve momentos na história pentecostal do Brasil em que "crentes" da Assembléia de Deus atuaram com eficiência e de forma bastante articulada em situações de grande agitação política, como por exemplo nas Ligas Camponesas de Francisco Julião, onde a estratégia de nucleação dos pentecostais foi de suma importância para o avanço das Ligas.¹²

Ao tratar das representações e imaginário do pentecostalismo, tomo este movimento religioso não na sua globalidade. Restrinjo-me unicamente

¹²ROLIM, Francisco Cartaxo, O que é pentecostalismo? São Paulo, Brasiliense, 1987, p. 74.

ao pentecostalismo de vertente protestante que caracteriza as igrejas de missão, portanto dotadas de um papel proselitista, onde algumas igrejas, mais do que outras, se esforçam na conquista de novos adeptos. Entre estas religiões, a delimitação ocorre mais uma vez, onde nomeio apenas as igrejas Congregação Cristã no Brasil e Assembléia de Deus, como sendo objetos deste estudo. Duas razões justificam esta delimitação. A primeira porque são as mais antigas igrejas pentecostais no Brasil e também na região Oeste do Paraná. No Brasil datam desde 1910 e 1911, respectivamente.¹³ Outra razão está relacionada ao número de adeptos. São as duas igrejas pentecostais que mais contêm fiéis na região oestina.

Os cultos religiosos são as ocasiões mais apropriadas onde as práticas e representações pentecostais se evidenciam. Neles tudo parece contribuir para a construção de uma situação de bem-estar espiritual. Começando pela recepção sempre muito cordial seja para com os visitantes, seja para com os outros fiéis já conhecidos. "A paz do Senhor", embora seja uma recomendação bíblica, se transforma numa expressão de identificação pentecostal, com a qual se torna mais fácil chamar o outro

¹³ROLIM, Op. cit. pp. 32-34.

fiel de "irmão", porque se elevam a uma comunidade de iguais, uma vez que todos "são escolhidos", questão que será considerada adiante.

No culto, - e entre as mulheres, também fora do culto - as vestimentas fazem parte das representações dos fiéis que ali estão. No caso das mulheres, se percebe uma ritualização do cotidiano, na medida em que tal prática se estende também fora do culto. As vestes devem ser dignas dos "eleitos". Nos minutos que antecediam o culto, certa ocasião um adepto, que se orgulhava em dizer quantos anos já congregava, e com ar de ser um conhecedor íntimo das coisas de Deus, ponderou a mim acerca da roupa que eu trajava, observando que não havia problema que eu tivesse vindo sem terno, mesmo porque na medida em que fosse sentindo-se um escolhido e sentindo-me apto ao batismo, passaria a sentir também a necessidade de comparecer melhor vestido ao templo, porque lá todos são escolhidos, e os escolhidos sabem que para estarem na presença do Senhor, devem estar bem apresentados, o que é uma prescrição bíblica, mostrando em seguida a citação do livro, do capítulo e versículos que tal preceito se encontrava na Bíblia.

Tais reuniões religiosas - entre signos e práticas - revestem-se sobretudo de característico clima permeado por contagiante exaltação

emocional. Esse traço pode ser observado no alegre cântico dos "corinhos", vivamente ritmado pelo bater de palmas, nas orações coletivas em voz alta, dos quais muitas passam às manifestações de algum dom espiritual e nos vibrantes "testemunhos" de recebimento de bênçãos espirituais,¹⁴ tudo isso carregado de representações sustentadas pelo imaginário pentecostal, o qual se encarrega de dar sentido ao que ali acontece.

Na busca das representações pentecostais, é possível registrá-las a partir das práticas e dos discursos dos próprios pentecostais. É no registro de quem fala e donde fala que se deve partir. Não se trata de uma classificação anterior de quem fala.¹⁵ Daí a necessidade de introjetar-se no cotidiano dos pentecostais e nele analisar suas falas e práticas que não poucas vezes provocam significações diferenciadas porque inseridas em

¹⁴SOUZA, Beatriz Muniz. A cura divina entre os pentecostais, in: A vida em meio à morte num país de terceiro mundo, São Paulo: Paulinas, 1983. p. 95.

¹⁵CHARTIER, Roger. O mundo como representação, in: Revista Annales, nov-dez. 1989, nº 6, pp. 1505-1520.

situações diferenciadas. Para Chartier entre as modalidades de relação com o mundo social está o

"trabalho de classificação e de recorte que produz configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade - outra modalidade - são as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição".¹⁶

São nas situações do trabalho profissional de pentecostais das duas igrejas que clivo a análise pentecostal. Um elemento comum que merece inicialmente consideração é o que poderia chamar de sacralização do trabalho, onde se registra a transposição do religioso para o trabalho, uma vez que os campos religioso e profissional não se delimitam de forma antagônica. Ao mesmo tempo que o espaço "mundano" lhe é necessário para garantir a sua sobrevivência e da prole, ele é também um espaço "sagrado" onde pode tentar possíveis conversões, ou denunciar situações contrárias aos seus valores religiosos - detectando situações onde o "demônio" age e "imperá" - daí a necessidade de combater.

A primeira manifestação da transposição do religioso para o trabalho pode ser percebida na barbearia situada na esquina da rua Jacarezinho, num bairro semi-periférico de Cascavel. Lá o obreiro da Congregação

¹⁶Idem, ibidem.

Cristã do Brasil passa suas horas garantindo o sustento próprio e da família. Estabelecimento simples e pouco freqüentado - das várias vezes que lá estive, nunca precisei esperar mais de 10 minutos para ser atendido. No interior da barbearia, dos instrumentos que não eram específicos da atividade profissional, eram apenas um velho dicionário e uma surrada Bíblia. Instrumentos únicos que davam o toque de que tal estabelecimento era diferente de outros tantos.

Nos seus afazeres de "barba e cabelo", procurava sempre canalizar a conversa para questões da sua fé religiosa, e ao perceber que o interlocutor e cliente não apresentava resistência, não poucas vezes tomava a liberdade de interromper seu trabalho, e com agilidade folheava algumas páginas da Bíblia e quase que soletrando alguns versículos, os utilizava como endosso de suas colocações. Nesta transposição de ações, ele não deixava de manifestar alegria em estar no ambiente de trabalho, podendo ali atuar na tentativa ou de conquista de possíveis fiéis, ou na pregação de sua "verdade".

Os textos bíblicos possuem uma interpretação muito característica no discurso pentecostal. Reiteram com freqüência o imaginário de que são os "escolhidos de Deus". As idéias de "separação do mundo" e o "combate

contra o mal" parecem estar sempre presentes nas leituras, ou a elas se remetem quando fazem seus discursos a partir da leitura bíblica. Estas representações não estão tão presentes nos discursos das igrejas históricas, embora os textos bíblicos são os mesmos. - o quer dizer que estas concentram suas falas em outras representações criadas - o que significa que o imaginário religioso não é o mesmo entre os fiéis das igrejas históricas e os pentecostais. O que importa compreender é como os mesmos textos podem ser diversamente apreendidos, manipulados e compreendidos - questão já posta por Roger Chartier.¹⁷ O que é percebido é que o escrito bíblico, deslocado de uma abordagem histórica - de um imaginário específico - tende a ser forçado a adaptar-se ao imaginário pentecostal. Se fosse assim, o texto bíblico se prestaria apenas a um único imaginário religioso, o que não é real. E mais, a compreensão do escrito depende sempre das formas pelas quais atinge o leitor, e estas formas são definidas conforme o imaginário religioso que é apropriado por este respectivo leitor. Não é em vão que todas as passagens bíblicas utilizadas pelo barbeiro eram tão apropriadas, como apropriado era o corte que fazia com a tesoura na mecha de cabelo, que a outra mão definia para o corte. As delimitações parecem sempre "certeiras".

¹⁷Idem, ibidem.

Outra manifestação da transposição do religioso no trabalho se registra num ambiente muito mais eclético e sempre com maior número de pessoas. É na redação do jornal da cidade. Embora esta manifestação por parte dos dois membros da Assembléia de Deus fosse reprovada pela maioria dos jornalistas e redatores, os pentecostais usavam de um recurso eficiente, onde travavam um diálogo religioso apenas entre eles, o que acabava por chamar a atenção de todos, porque falavam com uma tonalidade de voz segura, como se estivessem em uma pregação. Uma crescente satisfação os tomava quando percebiam que outras pessoas ouviam o que eles falavam. Embora os dois pentecostais não deixassem de se ocupar com seus afazeres, vez por outra o punho cerrado batido sobre a mesa e alguns gritos eram utilizados como artifícios teatrais para prender a atenção de outros. O diálogo era conduzido entre eles de tal maneira que as ironias de outros não eram consideradas, apenas quando alguém, em tom humilde e curioso, solicitava alguma explicação acerca de sua doutrina, é que conseguia interromper o diálogo pentecostal.

Diante da hostilidade do ambiente às pregações religiosas, - não poucas vezes exigindo-se a intervenção da chefia para que fosse mantido o ritmo de trabalho, - os discursos dos pentecostais concentravam-se nas críticas que faziam ao que chamavam de "mundo terreno", comparando-o à

perdição, ao espaço de atuação do "demônio". Quando da ausência de chefias, muitas vezes suas falas se dirigiam a certas publicações veiculadas naquele jornal, que afrontavam seus valores religiosos. Diziam que algumas matérias e propagandas representavam a submissão de alguns profissionais à vontade do 'mal'. E que para ganharem mais dinheiro, alguns chegavam até a estabelecer disputas entre os próprios colegas de trabalho, sem se darem conta de que era isso que o 'diabo' queria deles.

Em todo o discurso pentecostal - tanto no do barbeiro da Congregação Cristã do Brasil, como dos funcionários do jornal, fiéis da Assembléia de Deus, três idéias expressam aspectos importantes do imaginário pentecostal: "Serem escolhidos de Deus"; "separação do mundo" e o "combate ao demônio". São idéias sempre presentes tanto nas práticas como nas representações pentecostais e vão influenciar na tentativa de consolidar o sentido que darão às suas religiões. Outros elementos possíveis, as fontes ainda não possibilitaram perceber.

Tais idéias não são muito exploradas no discurso das igrejas históricas, ou pelo menos não com tanta intensidade que possa provocar a reordenação de seu corpo de representações religiosas - salvo em algumas iniciativas destas igrejas que surgiram há alguns anos, como forma de

disputa com as práticas pentecostais, exemplo disso é o pentecostalismo católico expresso pela Renovação Carismática Católica (RCC).

É com a incorporação destas idéias que possibilitou-se a alteração das representações religiosas que, conseqüentemente, viabilizou-se a expansão pentecostal que se registrou com maior intensidade a partir da década de 70, ocasião em que as igrejas históricas - e no catolicismo sobretudo - atravessam um período muito fértil de estabelecimento de diretrizes para a Igreja na América Latina. Tanto o concílio de Medellín como o de Puebla - decorrentes do Concílio Vaticano II, vão provocar algumas mudanças nas práticas culturais e religiosas dos católicos. Nesta "adaptação" interna do culto católico, algumas brechas abrem-se entre os fiéis católicos, os quais não conseguem assimilar na totalidade as mudanças ocorridas, o que contribui na propiciação de um momento favorável para a ação pentecostal. Não é esta causa fundante, mas é difícil não acreditar que isto tenha influenciado de alguma maneira, o que mereceria um estudo mais aprofundado.

A idéia de serem "escolhidos de Deus" é empregada como justificção do número não muito grande de fiéis que participam nos cultos. A pouca quantidade não deixa provocar uma margem de desânimo

entre os que "congregam", antes o contrário, esta idéia é o principal elemento propulsor da ação proselitista. Caracterizando-se como estratégia para o avanço pentecostal, muito bem utilizada pelos pastores destas igrejas. Tal idéia nutre o desafio de conquista de novos "crentes". Esta prática esteve bem presente também entre os primeiros cristãos, como algumas epístolas bíblicas registram.

A "separação do mundo", que também se incorpora no imaginário pentecostal, é o elemento mais evidenciado nos cultos. Neste imaginário, a sustentação da manutenção da "escolha de Deus" passa pelo esforço do fiel em se fazer digno desta "escolha", e isso se consegue na medida em que o mesmo se esforça em combater o "demônio" - ou as "forças do mal". Atualmente expressada pela Aids, pelas drogas, pelo álcool, já que o sistema stalinista não serve mais para tributá-lo como obra satânica. A idéia de "separação do mundo" - possível dentro do imaginário pentecostal - precisa de um constante reabastecimento - porque frágil são os signos e imagens que são feitos desta separação, provocando no fiel a necessidade em recorrer aos cultos, onde pode alimentar seu imaginário. E aqui me reporto novamente a P. Berger ao observar que a manutenção do mundo

como realidade subjetiva se dá na medida que se mantém a conversação "a realidade subjetiva do mundo depende do tênue fio da conversação".¹⁸

Ligada a esta questão está a idéia de combate ao "demônio", porque este se manifesta e age no mundo, e por isso a necessidade da "separação" do fiel deste mundo. É o "diabo" um dos principais imaginários pentecostais. O qual se configura no dizer de Berger como uma categoria oposta ao sagrado, que é o caos - e que por isso tem que ser combatido porque coloca em risco o nomos - ou o perigo da ausência de sentido.¹⁹ E na medida que se trava a "disputa" com o "diabo" é que se define também a qualidade de ser "escolhido de Deus".

Por outro lado, segundo o pastor Bittencourt, "a vida urbana, para uma parcela significativa dos fiéis pentecostais, move-se num clima permanente de terror (...). Para sobre muitos um medo constante da fome, da morte violenta, do desemprego, da doença, da solidão, da total desagregação familiar, da perda absoluta da dignidade".²⁰ E daí uma possível justificativa do fenômeno pentecostal concentrar-se mais nas áreas periféricas das grandes cidades - onde estes problemas se registram com maior intensidade. Na análise feita pelo pastor vai ficando bem

¹⁸BERGER, Peter Ludwig, op. cit. p. 30.

¹⁹Idem, p. 39.

expressa a representação imaginária feita do "diabo". Segundo ele, "é preciso dar nomes aos medos para que se possa enfrentá-los. O 'diabo' acaba sendo considerado então, como uma síntese de todos os males que ameaçam a população e simultaneamente como causa de todas as adversidades existentes".²¹ É neste sentido que em várias ocasiões é empregado o imaginário do "diabo" e utilizado nos discursos pentecostais e que por várias vezes é reiterado nos sermões dos líderes realizados nos cultos.

²⁰BITTENCOURT FILHO, José. Pentecostalismo - Uma terapia religiosa na cidade. in: Revista Tempo e Presença, Cedi, nº 225, nov/87, p. 22.

²¹Idem, *ibidem*.